

316.75
0485
Ex1
C92569266

noa

BIB		IO		A	
UNE		T			
Campus Universitário d					
Cidade MT					
RINº 10276					
Data 16 / 07 / 04					
doação					

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

O SER HUMANO EM BUSCA DE SUA IDENTIDADE

Márcia Freitas de Oliveira

○ 48 p

Pontes e Lacerda – MT

2004

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

O SER HUMANO EM BUSCA DE SUA IDENTIDADE

Ensaio monográfico de graduação em Letras, apresentado ao Departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso- Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para obtenção do título de graduada em Letras.

Orientadora: Profª Ms. Madalena Aparecida Machado.

Márcia Freitas de Oliveira

Orientanda

Profª Ms. Madalena Aparecida Machado

Orientadora

Profª. Ms. Madalena Aparecida Machado

Coordenadora de Monografia

*“ As pessoas que me lerem terão,
pois a bondade de traduzir isso em
língua literária, se quiserem. ”*

(Graciliano Ramos)

DEDICATÓRIA



*Dedico a toda a minha família e amigos
que me incentivaram a concluir esse curso
de licenciatura em Letras.*

Obrigada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora pelo apoio.

Márcia.

SUMÁRIO

I-	Paulo Honório: um mundo à parte-----	7
II-	A fonte de inspiração de São Bernardo-----	27
III-	Graciliano Ramos e seus “eus” fictícios-----	31
IV-	Conclusão-----	35
V-	Bibliografia-----	36

I- PAULO HONÓRIO: UM MUNDO À PARTE

O presente trabalho de cunho monográfico enfoca o personagem Paulo Honório, no romance *São Bernardo*, 2003 de Graciliano Ramos, destacando-o como personagem visto pelo prisma da idéia de propriedade.

Busquei apoios teóricos de estudiosos de Graciliano Ramos, e o interessante, foi que descobri a semelhança entre as personagens Paulo Honório(S.Bernardo) e Luís da Silva(Angústia). Em ambos, os personagens são complexos, desconfiados, ambiciosos, superiores, infelizes, sendo que num relato em um livro memorial, eles analisam as suas vidas. Já na velhice, tentam encontrar a paz que durante a vida inteira não conseguiram, e no final da obra demonstram que, pela desconfiança e ambição perderam a auto estima. Resta-lhe a escrita, talvez ela devolva a paz desejada, mas os fatos e o tempo não voltam.

São Bernardo é um romance complexo, modernista, narrado em 1ª. Pessoa pelo protagonista, a história se passa em uma fazenda chamada São Bernardo localizada no município de Viçosa estado de Alagoas. É contada em tempo posterior aos fatos, pois o personagem vivenciou no passado uma série de experiências, e em um tempo atual pretende relatar.

Para Josalba Fabiana dos santos, “São Bernardo” é narrado em primeira pessoa já que o tempo da enunciação obviamente não coincide com o tempo do enunciado. Há uma definição temporal: o narrador Paulo Honório esta num tempo futuro em relação ao personagem Paulo Honório. Como afirma Bakhtin – “se eu narrar (escrever) um fato que acaba de acontecer comigo, já me encontro, como narrador (ou escritor), fora do tempo – espaço onde o evento se realizou”. Bakhtin, apud Josalba 1988, p. 360).

Ainda segundo Josalba dos Santos, Bakhtin não dissocia tempo de espaço, daí o nome de cronotopo (tempo – espaço) para a teoria. Mas dos dois elementos, o tempo é o que ele dá maior ênfase. Como acontece com outros estudiosos, Bakhtin também vê o tempo como uma espécie de grande ponte entre ficção e realidade, ou

seja, as relações temporais dentro do romance estabelecem um elo com a realidade, um ponto de ligação. (1998, p.126).

Esse processo de ficção e realidade acontece em “São Bernardo”.

A obra e o mundo nela representado penetram no mundo real enriquecendo-o, e o mundo real penetra na obra e no mundo representando, tanto no processo da sua criação como no processo subsequente da vida. Numa constante renovação da obra e numa percepção criativa dos ouvintes - leitores. Esse processo de troca e sem dúvida cronotópico pôr si só. Ele se realiza principalmente num mundo social que se desenvolve historicamente, mas também sem se separar do espaço histórico em mutação. Pode-se mesmo falar de um cronotopo criativo particular, no qual ocorre essa troca da obra com a vida e se realiza a vida particular de uma obra. (BAKHTIN, 1988, p. 358-359).

A ação do romance desenrola-se na década de trinta, classificando-se como modernista psicológico. A história ocorre em volta de um personagem pobre que não tem origem paterna, e desde cedo aprende a ideologia de que o rico tem valor. Desde menino ele tem que trabalhar, pobre, sem a companhia dos pais, vende doces feitos pela negra Margarina, para ajudar no sustento. Aos dezoito anos tem a sua 1ª experiência amorosa com Germana, uma prostituta. Por ciúmes ele bate e esfaqueia João Fagundes, resultado, vai preso “três anos, nove meses e quinze dias na cadeia”. (RAMOS, 2003, 16).

Nesse período em que ele ficou na cadeia ele aprendeu a ler com a ajuda de Joaquim sapateiro, que tinha uma Bíblia miúda. Durante esse tempo, muitas coisas aconteceram, uma delas foi Germana a aventura de sua adolescência e a causadora de sua prisão, estava doente pegou doença de rua. Nesse ínterim, Paulo Honório não pensava mais nela, seu único objetivo era ganhar dinheiro e comprar a fazenda onde havia trabalhado quando criança.

Conforme Benjamim Abdala Junior, Paulo Honório é a personagem central da narrativa, ele é o sujeito da ação, os conflitos desenvolvem-se em torno dele, que é o ponto de referência entre os personagens.

A personagem protagonista é o foco de interesse da história, e o discurso narrativo se organiza em função do desenvolvimento de seu conflito. Este se dá quando ela procura conseguir o objeto de ação, um determinado bem desejado ou temido.(ABDALA JÚNIOR, 1995, p.44).

O processo observado aparece no romance quando:

Resolvi estabelecer-me aqui na minha terra, município de Viçosa, Alagoas, e logo planeei adquirir a propriedade S. Bernardo, onde trabalhei, no eito, com salário de cinco tostões. (RAMOS, 2003, 21).

Paulo Honório descobre que seu antigo patrão tinha morrido, e que o herdeiro era um desinteressado. “Como quem não quer nada, procurei avistar-me com Padilha moço (Luís)”.(RAMOS, 2003,21). Forçou uma amizade depressa, vendo que o rapaz era um desinteressado e que sua profissão é o bilhar, emprestou a ele dois mil réis em dois meses, aos poucos Padilha foi se endividando cada vez mais e fazendo empréstimos com Paulo Honório que emprestava dinheiro a juros de olho no seu objetivo, a escritura da fazenda. Passando-se por melhor amigo de Padilha ficava por dentro dos assuntos da fazenda e com isso Padilha, a cada dia ia ficando mais enforcado, a cada dia Paulo Honório ficava mais perto de realizar seu sonho da posse de São Bernardo, até que Padilha perdeu a fazenda. “No outro dia, cedo, ele meteu o rabo na ratoeira e assinou a escritura”.(RAMOS, 2003, p.31).

Daí em diante Paulo Honório fez as reformas necessárias na fazenda, e logo travou uma briga com Mendonça, o vizinho da fazenda. Nos primeiros anos de proprietário da fazenda, Paulo Honório, enfrenta dificuldades, a safra de mamona e algodão foram ruins. E na memória dele vem à tona, a saudade da velha Margarida quem o criou. “Onde andaria a velha Margarida? Seria bom encontrar a velha Margarida e trazê-la para S. Bernardo. Devia estar pegando um século, pobre da negra”.(RAMOS, 2003, p.39).

De acordo com Antonio Candido, uma só vez ele age em obediência ao sentimento da gratidão, recolhendo a negra que o alimentou na infância e que ama

com uma espécie de ternura de que é capaz. Até que um dia ele encontra Margarida. “Mãe Margarida, procurei a senhora muito tempo. Nunca me esqueci. Foi uma felicidade encontrá-la. E carecendo de alguma coisa, é dizer. Mande buscar o que for necessário, mãe Margarida, não se acanhe. (RAMOS, 2003, p. 65).

Assim, satisfeito em ter encontrado a velha Margarida, conclui o seu objetivo de posse; a construção da casa nova. Ficou tudo bonito e confortável, comprou os móveis, deixou de dormir em rede, e começou a usá-los com receio e outros que no final da vida já com cinquenta anos, não tinha utilizado e nem sabia para que serviam.

Passaram-se cinco anos e num certo dia, Paulo Honório recebeu uma visita de João Nogueira, Padilha e Azevedo Gondim. Ele estava a elogiar umas pernas e uns peitos, ele elogiava a uma referida mulher até que surgiu a pergunta:

De quem são as pernas?

Da Madalena, respondeu Gondim.

Quem?

Uma professora. Não conhece? Bonita.

Educada, atalhou João Nogueira. (Ramos, 2003, p.55).

Até que um dia amanheceu pensando em se casar, foi uma idéia que veio sem que nenhum rabo-de-saia a provocasse. (RAMOS, 2003, p. 67). Nunca se preocupou em namorar, mas a falta de uma fêmea para gerar o herdeiro para as terras de São Bernardo o intrigava e o desejo de ter um herdeiro tinha que ser realizado. Apesar de achar que “mulher é um bicho esquisito, difícil de governar”. (RAMOS, 2003, p.67).

Chegou a essa conclusão por conhecer as atitudes de Rosa, a mulher do mulato Marciano, funcionário da fazenda. Rosa era como Germana, e pelas atitudes delas, ele julgava as outras mulheres, e assim não se via interessado em nenhuma mulher.

Antonio Candido afirma que a partir desse momento, instala-se na sua vida os fermentos de negação do instinto de propriedade, cujo desenvolvimento constitui o drama do livro.

A princípio tentou fantasiar a futura esposa, mas foi uma catástrofe. Passou-se algum tempo e ele de tanto ouvir falar em Madalena a tal mocinha loura, percorre à cidade a procura de encontrá-la e ver se se encaixa no perfil da geradora do herdeiro de São Bernardo. Mas não conseguiu vê-la. E resolve então procurar João Nogueira, em busca de obter mais informações sobre a referida moça. Mas teve receio em perguntar sobre ela, e desviando o assunto resolveu perguntar como ia o processo de Pereira. Porém o destino estava a seu favor e num retorno de uma viagem à capital, ele fez amizade com a tia de Madalena, D. Glória.

Creio que já nos vimos. Não me lembro. A minha memória é lástima.

Em casa do juiz, o mês passado. A senhora e uma mocinha loura...

(...).

O senhor mora na capital?

Não, moro no interior.

Em Viçosa?

É.

Eu também..., há pouco tempo. Mas cidade pequena... Horrível, não é? (RAMOS, 2003, p.85).

Durante a viagem, Paulo Honório e D. Glória, conversaram muito até ele alcançar os objetivos pretendidos quando puxou a conversa com a velha. E descobriu que a loura era professora e seu nome era Madalena. Então tratou logo de ir elogiando a sobrinha. Passou por belas paisagens, mas não as descreveu julgando desnecessárias.

“Uma coisa que omiti e produziria bom efeito foi a paisagem. Andei mal. Efetivamente a minha narrativa dá idéia de uma palestra

realizada fora da terra. Eu me explico : ali, com a portinhola fechada, apenas via de relance, pelas outras janelas, pedaços de estações, pedaços de mata, usinas e canaviais.(RAMOS, 2003, p.88).

Viu também gado zebu que para ele estavam acabando com os rebanhos dele.

Segundo Josalba Fabiana Santos, a imagem é muito valiosa na leitura de “São Bernardo”. Para Bakhtin, a imagem é estabelecida a partir do tempo. Sem dúvida a relação entre imagem e tempo é fundamental, pois a mudança ou a constituição da imagem estabelece uma passagem no tempo. A imagem pode ser de um personagem, mas pode ser também de um lugar, a de um espaço.

Já na velhice tudo na memória de Paulo Honório fica confuso e acrescenta-se a descrição de lagos, pomares, seria apenas para satisfazer as regras da escrita. Mas há dois pontos interessantes que devem ser ressaltados como cronotopos, o encontro de Paulo Honório e Madalena na fazenda e a viagem retratando as paisagens e os rios. “Tanto que vou cometer um erro. Vou dividir um capítulo em dois. Presumo que é um erro”. (RAMOS, 2003, p.89)

Refere-se ao que poderia expor antes do capítulo dezenove o da digressão, mas não tinha outra maneira, ele queria um capítulo inteiro para falar de Madalena.

Há dois pontos na obra a presença de confusões entre o presente e o passado, isso fica bem claro durante a narração do romance, na mesma hora em que o personagem está relatando o momento vivido no presente, ele intercala com o passado.

Ainda na estação foi apresentado à Madalena, trocaram algumas palavras e sem perda de tempo Paulo Honório convidou Madalena para visitá-lo na fazenda, deixa claro que é um homem livre: “Mas, não tenho família, minha senhora, nunca tive. Vivo só com Deus.(...). Inconveniente, declarou Dona Glória”.(RAMOS, 2003, p. 94).

Paulo Honório fica furioso devido a velha interferir no assunto, mas deixou de pé o convite para irem visitar a fazenda. Ele não perdeu tempo, foi logo tratando de saber mais sobre a vida da futura esposa através do amigo Gondim, descobriu

que ela gostava de cerveja e que escrevia bons artigos para o Cruzeiro, fez um pedido a Gondim, para que ele sondasse a moça, para ver se era de bons costumes.

Com o passar do tempo tornou-se íntimo de Madalena e da tia d. Glória, e apressado pergunta.

*Por que é que sua sobrinha não procura marido?
melindrou-se
Minha sobrinha não é feijão bichado para se andar oferecendo.
Nem eu digo isso, minha senhora. Deus me livre. É um conselho
de comigo. Garantir o futuro...(RAMOS, 2003, P.99).*

Dona Glória ficou zangada por um tempo, mas depois voltaram a conversar, e d. Glória comentou que para se casar havia de ter interesse dos dois lados, mas para Paulo Honório, isso tudo era bobagem, ele se referia ao casamento como cruzamento de animais.

- *Qual reciprocidade! Pieguice. Se o casal for bom, os
filhos saem bons. Se for ruim, os filhos não prestam. À vontade dos pais
nem tira nem põe. Conheço meu manual de zootecnia.(RAMOS, 2003, p.
100).*

E finalmente, toma coragem e confessa a Madalena os seus propósitos, acreditando que a atrairá mostrando-lhe o que há em São Bernardo, e chega a colocar o casamento como uma espécie de negócio, como algo que possa lhe garantir o futuro. Ela alega que eles não se conhecem para tomar uma decisão tão séria que seria para a vida inteira, e acrescenta: “O seu oferecimento é vantajoso para mim , seu Paulo Honório, murmurou Madalena. Muito vantajoso. Mas é preciso refletir. De qualquer maneira estou agradecida, ao senhor, ouviu? A verdade é que sou pobre como Jó, entendeu?” (RAMOS, 2003, p.102).

E Paulo Honório respondeu como se estivesse fazendo um negócio. “não fale assim, menina? E a instrução, a sua pessoa, isso não vale nada? Quer que lhe

diga? Se chegarmos a um acordo, quem faz negócio supimpa sou eu.”(RAMOS, 2003, pg.102).

Uma semana depois, começaram as divergências entre eles, Paulo Honório julgava os livros inúteis, e Madalena os achava úteis. Ele puxa outro assunto, o que realmente o interessava: o casamento, mas ela continua indecisa, seu sonho era casar-se e ao acordar cedo se deparar com um jardim. E além do mais, entre eles não existia a química do romantismo, o amor. Mas para ele isso não interessava, o importante é fazer o negócio.

Ora essa! ... Não gosto de gente que se apaixona e toma resoluções às cegas. Especialmente uma resolução como esta. Vamos marcar o dia.

Não há pressa. Talvez daqui a um ano... Eu preciso preparar-me. Um ano. Negócio com prazo não presta. (RAMOS, 2003.p.106).

Para ele, esses caprichos de noiva não importavam, tratou logo de comunicar a Dona Glória a decisão forçada dos dois, e formulou logo o pedido: “Dona Glória, comunico-lhe que eu e sua sobrinha dentro de uma semana estaremos emburrados . Para usar a linguagem mais correta, vamos casar.”(RAMOS, 2003, p. 107).

No pedido deixou claro que a velha iria morar com eles na fazenda, e ela começou a chorar. E assim, passaram-se as duas semanas do mês de janeiro e o casamento foi realizado na capela de S. Bernardo, diante do altar de S. Pedro pelo padre Silvestre. “- Vamos começar vida nova, hem? Disse Madalena alegremente”.(RAMOS, 2003, p. 110).

Mas logo começaram as intrigas, a desconfiança de Paulo Honório. Madalena era muito humana, logo foi se interessando pela vida e o jeito no qual eram tratados os funcionários da fazenda, as privações as quais eram submetidos. Começa a lutar por salários justos, ao direito à aposentadoria do Sr. Ribeiro, mas não obteve êxito. Paulo Honório deixou bem claro que era tolice uma pessoa ter opinião sobre assunto que desconhece.

Cada macaco no seu galho. Que diabo! Eu nunca andei discutindo gramática. Mas as coisas da minha fazenda julgo saber. E era bom que não viesse dar lições. Você me faz perder a paciência.(...) Se eu convencesse Madalena de que ela não tem razão...Se explicasse que é necessário vivermos em paz.... Não me entende. Não nos entendemos (RAMOS, 2003, p.115,120).

E mais tarde em suas reflexões, Paulo Honório reconhece que Madalena era boa em demasia, mas não conheceu tudo de uma só vez. Ela foi se revelando ao poucos, mas sempre num ar misterioso deixando obscuro. E revela: “A culpa foi minha, ou antes, a culpa foi desta vida agreste, que me deu uma alma agreste.”(RAMOS, 2003.p.117).

Pode-se dizer que Paulo Honório é uma pessoa em constante conflito com seu passado, ele se alto flagela, em busca de respostas para tanto sofrimento, que até o momento da escrita do seu memorial, permaneciam inexplicáveis. Nem Madalena conseguiu dar a ele o sossego que procurava. E ressalta: “compreendo que perco tempo. Com efeito, se me escapa o retrato moral de minha mulher, para que serve esta narrativa? Para nada mas sou forçado a escrever.” (RAMOS, 2003, p. 117).

E restam as saudades de Madalena, chega a delirar com a voz dela, ao pé do ouvido, que chega a acariciá-lo o pedido que mande dinheiro a mestre Caetano: “Isso me irrita, mas a irritação é diferente das outras, é uma irritação antiga, que me deixa inteiramente calmo. Loucura estar uma pessoa ao mesmo tempo zangada e tranqüila. Mas estou assim.” (RAMOS, 2003, p.119).

A irritação era contra mestre Caetano, como se não bastasse ele ter morrido, Paulo Honório queria que trabalhasse para pagar os gastos feitos por Madalena em ato de caridade à família do mesmo.

Continua a escrever no escritório e de repente a porta se abre de mansinho, os passos do Ribeiro se afastam e ele houve um pio de coruja vindo da torre da igreja. “Terá realmente piado a coruja? Será a mesma que pia a dois anos?” (RAMOS, 2003, p.119).

Havia dois anos que Madalena tinha falecido. Paulo Honório sente a necessidade de escrever, ele chega a confessar que a coruja é a desencadeadora do seu processo narrativo. A coruja por ser um animal de hábito noturno, tem relação com a morte e a tragédia, características essas que se encaixam perfeitamente no suicídio de Madalena. Mas por outro lado também é vista como ave sábia, a inspiradora do romance “São Bernardo”. “Há um grande silêncio. Estamos em julho. O nordeste não sopra e os sapos dormem. Quanto às corujas, Marciano subiu no forro da igreja e acabou com elas a pau. Repito que tudo isso continua a azucrinar-me”. (RAMOS, 2003, p.120).

Assim continua a narrar sua história, só que agora no passado e reconhece que ele e Madalena viveram algum tempo muito bem. Madalena percebendo que haviam brigado por uma coisa inútil, leva a ele uma xícara de café, em pedido de desculpas. Pela manhã a professora trabalhava no escritório, mas à tarde ela saía a visitar os moradores da fazenda, e as crianças tinham muito carinho por ela, também criticava o método de ensino usado por Luís Padilha na escola, e resolveu fazer algumas modificações. Modificações estas que para Paulo Honório eram desnecessárias. “Seis contos de réis. Seis contos de folhetos, cartões e pedacinhos de tábua para os filhos dos trabalhadores. Calculem”. (RAMOS, 2003, p.125).

Paulo Honório manteve o controle diante da situação, afinal Madalena havia pedido permissão para comprar os referidos materiais. Para descontar a raiva ao passar pelo estábulo, Paulo Honório nota que os animais não tinham ração, furioso ofende Marciano. “Você esta se fazendo de besta, seu corno? Mande-i-lhe o braço ao pé do ouvido e derrubei-o”. (RAMOS, 2003, p.126).

Como se não bastasse ter espancado Marciano, ofende Padilha, dizendo ser ele o culpado, pois se não estivesse de conversa fiada com Marciano nada daquilo tinha acontecido. Madalena do telhado assistia tudo, assustada diz:

É horrível! Bradou Madalena.

Como?

Horrível! Insistiu.

Que é?

(...).

... Como tem coragem de espancar uma criatura daquela forma?

(...).

Fiz aquilo por que achei que devia fazer aquilo. E não estou habituado a

justificar-me, está ouvindo? Era o que faltava. (RAMOS, 2003, p. 128-129).

Fica intrigado com Madalena, chega a pensar que ela estava se engraçando para o lado do molambento. “Que diabo tem você com o Marciano para estar tão parida por ele?”(RAMOS, 2003.p.129).

Nas palavras de Antonio Candido, a solução do conflito é o ciúme, que mata a mulher. Até então ninguém fazia sombra a Paulo Honório, agora, eis alguém que vai destruir sua soberania, alguém brotado da necessidade patriarcal de preservar a propriedade no tempo, e que ameaça perdê-la. Paulo Honório reage pelo ciúme, expansão natural do seu temperamento forte e forma, ora disfarçada, ora ostensiva, do mesmo senso de exclusivismo que o dirige na posse dos bens materiais. (CANDIDO, 1997, p.76).

Madalena estava esperando o herdeiro de São Bernardo, e percebia a indiferença de Paulo Honório a sua tia Dona Glória. Não sentia nenhuma simpatia à pobre Dona Glória. Mas para não magoar Madalena ele fingia que a suportava. O tempo foi passando e numa determinada noite, Madalena deu a luz a um menino. “O pequeno berrava como bezerro desmamado. Madalena tinha tido menino”. (RAMOS, 2003, p.145).

O relato do nascimento do menino passa quase despercebido, na narrativa, só não fica omissa porque o narrador o apresenta chorando: “O pequeno berrava como bezerro desmamado. Não me contive: voltei e gritei para Dona Glória e Madalena: Vão ver aquele infeliz. Isso tem jeito? Aí na prosa, e pode o mundo vir abaixo. A criança esgoelando-se”. (RAMOS, 2003, 145). Segundo Vera Maquêa, o que tem de interessante nesse trecho é a forma pela qual é comunicado o nascimento do menino, vai se entender pelo romance a sombra da

distância criada desde o início entre o pai e o filho. “Por ele se interessar pelo menino afirma que ninguém mais tinha interesse pela criança”. (RAMOS, 2003, p.170).

A identidade do menino não é revelada, sempre se refere a ele como o menino. Ele é semelhante à Madalena, que não tem sobrenome. Com o passar dos tempos, Paulo Honório consegue construir uma não-família, tanto ele como ela foram criados sem família, ele criado pela velha Margarida e ela pela tia Dona Glória.

A falta de nome aos personagens é característico da escrita de Graciliano Ramos. Em “Vidas Secas”, os filhos de Fabiano são denominados de filho mais novo e filho mais velho. “Vidas secas” é a história de uma família de retirantes que fogem da seca, da fome e da miséria, enfrentando o sol do sertão agreste. Fabiano, sinha Vitória, os filhos, o mais velho e o mais novo, a cachorra baleia e o papagaio, peregrinam em busca de um lugar onde possam adiar a morte. Semelhante a vida de Paulo Honório, que para conseguir alcançar seu objetivo de posse das terras de São Bernardo, viaja pelo sertão, sofrendo sede e fome. Como sinha Vitória, Paulo Honório vem dormir numa cama depois de velho.

Fazia dois anos que eles tinham se casado e para comemorar a data, deram um jantar onde tiveram a honra da companhia de João Nogueira, padre Silvestre e Azevedo Gondim. Justamente neste dia, Madalena pediu a Padilha que colhece para ela umas flores. Paulo Honório ficou intrigado. Mas à tarde ao receber os amigos para o jantar sentiu-se perfeitamente tranquilo. Entretanto, à noite começaram as perturbações, as desconfianças.

Retomando Benjamin Abdala, o tempo da história é menor do que o tempo do discurso. O tempo de leitura do discurso é mais demorado do que o que se desenvolve ao nível da história. Nesse trecho abaixo, a imagem de Madalena sorrindo para Nogueira foi registrada de forma rápida pelo seu marido Paulo Honório, o narrador do romance. Após o registro, ele analisa a distorção dessa imagem.

Procurei Madalena e avistei-a derretendo-se e sorrindo para Nogueira, num vão de janela.

Confio em mim. Mas exagerei os olhos bonitos do Nogueira, a roupa bem-feita, a voz insinuante. Pensei nos meus oitenta e nove quilos, neste rosto vermelho de sobrancelhas espessas. Cruzei descontente as mãos enormes, cabeludas, endurecidas em muito anos de lavoura. Misturei tudo ao materialismo e ao comunismo de Madalena – e comecei a sentir ciúmes. (RAMOS, 2003, p. 155).

Fica claro nesse trecho, a desconfiguração em que o romancista se refere a pessoa dele que se acha indiferente, estranho, um animal. O narrador é deformado pela brutalização, já de antemão se encarrega de se auto caricaturar sob a imagem animalizada de um macho. E confessa: “comecei a sentir ciúmes”. (RAMOS, 2003, p.157). O primeiro desejo de vingança foi tirar Padilha das dependências da casa. Como pode através de um vão de janela desmanchar dois anos de casamento. Vivia obcecado em busca de achar uma prova que condenasse a honestidade de Madalena. Atormentado com a idéia de surpreendê-la sai em busca de pistas:

No dia seguinte encontrei Madalena escrevendo. Avizinhei-me nas pontas dos pés e li o endereço de Azevedo Gondim. Faz favor de mostrar isso? Madalena agarrou uma folha que ainda não havia sido dobrada. Não tem que ver. Só interessa a mim.(...) Deixa ver a carta, galinha. (RAMOS, 2003, p. 167).

Madalena era honesta, não mostrava o papel para não dar o braço a torcer, por dignidade, estava claro, o ciúme de Paulo Honório era idiota. O ciúme dele tinha se tornado público. Padilha o deixou intrigado com uma frase solta, “o senhor conhece a mulher que possuí”. (RAMOS, 2003, p.175). E cismou que Padilha sabia alguma coisa ou simplesmente estaria falando à toa. E o que mais o revoltava é que ele não conhecia completamente Madalena.

Até que começaram as dúvidas a ficarem insuportáveis. “a infelicidade deu um pulo medonho: notei que Madalena namorava os caboclos da lavoura. Os

cablocos, sim senhor. (...) Mulher não vai com carrapato porque não sabe qual é o macho”.(RAMOS, 2003.p.178).

As desconfianças eram inúteis, Madalena era fiel. “Para que serve a gente discutir, explicar-se? Para que?... as expressões mais inofensivas e concretas eram para mim semelhantes às cobras: faziam voltas, picavam e tinham significação venenosa”.(RAMOS, 2003, p. 182).

Na análise de Benjamim Abdala Júnior, não deu tempo de Madalena perceber o quanto ele a amava e, nesse sentido o quanto poderia tê-lo ajudado a vencer seus fantasmas.

Uma tarde, Paulo Honório foi ver Marciano pegar corujas, do telhado avistava Madalena no escritório escrevendo, e se pergunta em que estará pensando aquela burra? Escrevendo. Que estupidez?(RAMOS, 2003, p.184) Não convencido, desce do telhado e vai disfarçando pelo jardim até chegar à porta do escritório e pegar uma folha da prosa que estava no chão. Correu os olhos, mas não compreendeu a escrita. E passeando pelo pomar foi juntando o que tinha lido e chegou a seguinte conclusão: “Diabo! Aquilo era trecho de carta, e de carta a homem. Não estava lá o nome do destinatário, falta o princípio, mas era carta a homem, sem dúvida.” (RAMOS, 2003, p. 185).

Começou a sentir ciúmes de João Nogueira, do Dr. Magalhães, de Azevedo Gondim, do Silveira da escola normal. Desconfiava dela até dentro da igreja, cria coragem e pergunta:

A senhora escreveu uma carta.

... Madalena não quis responder.

(...).

Há uma carta. Eu preciso saber, compreende?

(...).

Para que? Murmurou Madalena. Há três anos vivemos uma vida horrível. Quando procuramos entendermos, já temos a certeza de que acabamos brigando.(RAMOS, 2003, p.189).

E não satisfeito com a resposta ele pergunta, a quem era destinada a carta, e ela manda que ele vá até o escritório para ler o restante. Para sua maior surpresa a carta era destinada a ele. E Madalena diz:

*Se eu morrer de repente...
Que história é essa, mulher?
(...).
Estava perturbada, via-se perfeitamente que estava perturbada.
Largou outras incoerências
(...).
Adeus Paulo. Vou descansar.
Voltou à porta:
Esqueça as raivas, Paulo. (RAMOS, 2003, p.192).*

Fazia três anos que estavam casados e “tinha começado o diabo do ciúme”. (RAMOS, 2003, p.193). Mas o desespero de Madalena era assustador em busca de se libertar da prisão criada pelo ciúme do marido, busca no suicídio a libertação.

*Que diabo de chamego é este?
Arredei-a e estaquei: Madalena estava estirada na cama,
branca, de olhos virados, espuma nos cantos da boca.
Aproximei-me, tomei-lhe as mãos, duras e frias, toquei-lhe o
coração, parado. Parado. (RAMOS, 2003, p. 194).*

No chão provas do crime, sobre a banca o envelope como havia falado Madalena, abri-o e leu, era a carta de despedida de Madalena. Faltava apenas uma página a que estava no bolso dele. Sanadas as desconfianças, só restava agora dar o descanso eterno a Madalena. “Enterrou-se debaixo do mosaico da capela-mor”, com o passar dos dias vinha à tona a lembrança de Madalena, creio que sempre a lembrança dela sempre esteve em mim. (RAMOS, 2003, p.197).

Na cidade havia um fuxico nojento. E eu, que nunca tive gosto para safadezinhas de lugar miúdo, estoquei-me.

.... Os amigos e os jornais traziam-me a revolução.

Diabo leve i idealismo deles. (RAMOS, 2003, p. 206).

No ano seguinte começou com problemas, Paulo não conseguiu vender as laranjas, as fábricas de tecidos não adiantaram dinheiro na compra do algodão, e foi necessário adquirir novas máquinas para ajudar no serviço da serraria e no descaroçador e tudo isso gerava gastos enormes, era tudo cotado em dólar.

Fazia dois anos que Madalena, havia falecido, estes dois anos foram difíceis. É aí que surgiu a idéia de fazer um livro com a ajuda de alguns amigos. Mas como foi declarado, a idéia não deu certo. Até que num certo dia ao escrever para um sujeito em Minas, Paulo Honório escuta o pio de uma coruja e sobressalta. Paulo Honório sente-se obrigado a escrever. No outro dia, era necessário mandar Marciano ao forro da igreja, mas de repente “voltou-me a idéia de construir um livro. Redigi um capítulo.” (2003, p.215).

Benjamim Abdala Júnior, afirma que:

Em suas noites de insônia, ele é atormentado pela culpa, que o faz tomar um recorrente pio de coruja como pressagio de tragédia. O temor e a fatalidade que foi, na verdade, construída por suas próprias mãos, leva-o quase inconscientemente ao ato de escrever. Em outras palavras, as mesmas mãos que cometeram desmandos passam a operar no sentido contrario de reconstruir simbolicamente o que foi destruído. De fato o narrador de São Bernardo busca, na escrita ficcional ou na ficcionalização de suas memórias, a mediação de que necessita para vencer a culpa e os conflitos. A conjunção entre ficção e confissão, percebida por Antônio Cândido, ajuda a compreender as oscilações da narrativa de São Bernardo e justifica os conflitos experimentados por seu narrador. (p.164).

Dessa forma, pode se dizer que a escrita foi o refúgio que Paulo Honório, encontrou para se libertar da perturbação do seu subconsciente. Em forma de ficção, ele busca solução para seus traumas, que o consome na velhice. Pode ser afirmado com o trecho de “São Bernardo” onde o narrador protagonista descreve: “Desde então procuro descascar fatos, aqui sentado à mesa da sala de jantar, fumando cachimbo e bebendo café, à hora em que os grilos cantam e a folhagem das laranjeiras se tinge de preto.” (RAMOS, 2003, p. 216). Nem a noite o aliviava, nem o silêncio e a escuridão o faziam escrever.

Com as laranjeiras vem a noite e o processo da escrita. As laranjeiras são plantas domésticas, ligadas a escuridão da noite, mas não carregam a carga negativa como as corujas que são aves noturnas, mas ambas tem relação com a noite. Se descartarmos a hipótese das corujas, as laranjeiras como estão descritos no trecho referido acima, representam a escuridão, a folhagem das laranjeiras tinge-se de preto. “Confessa, sou um homem arrasado. Doença? Não, gozo de perfeita saúde. (...) Até hoje, graças a Deus, nunca um médico me entrou em casa. Não tenho doença nenhuma. “O que estou é velho. Cinquenta anos pelo S. Pedro.” (RAMOS, 2003, p.216).

Deixa claro, a angústia de tê-los gastos sem objetivo: “cinquenta anos perdidos, cinquenta anos gastos sem objetivos, a maltratar-me e a maltratar os outros. O resultado é que endureci, calejei, e não é um arranhão que penetra esta casca espessa e vem ferir cá dentro a sensibilidade embotada”.(RAMOS, 2003, p. 216).

Para Benjamim Abdala Júnior, à medida que, enquanto agente de um sistema agressivo de produção, Paulo Honório vai exercendo seu autoritarismo, torna-se tão dependente quanto todos a quem subjuga, tornando-se, portanto, presa de seu próprio cerco.

E, assim, chegamos ao momento presente, justificativas e justificativas, no final Paulo Honório que escreveu um livro e só consegue ter certeza de sua solidão. Seu estado de abandono, sua inutilidade. Ainda na página 216, ele relata:

Cinqüenta anos! Quantas horas inúteis! Consumir-se uma pessoa a vida inteira sem saber para quê! Comer e dormir como um porco! Como um porco! Levantar-se cedo todas as manhãs e sair correndo, procurando comida! E depois guardar comida para os filhos, para os netos, para minhas gerações. Que estupidez! Que porcária! Não é bom vir o diabo e levar tudo?

Madalena entrou aqui cheia de bons sentimentos e bons propósitos. Os sentimentos e os propósitos esbarraram com a minha brutalidade e o meu egoísmo. Creio que nem sempre fui assim egoísta e brutal. A profissão e que me deu qualidades tão ruins. E a desconfiança terrível, que me aponta inimigos em toda a parte!

A desconfiança e também consequência da profissão. Foi este modo de vida que me inutilizou. Sou um aleijado. Devo ter um coração miúdo, lacunas no cérebro, nervos diferentes dos nervos dos outros homens. E um nariz enorme, uma boca enorme, dedos enormes. (RAMOS, 2003, p.216-221).

Paulo Honório está diante da destruição de sua vida, a fazenda estava em ruínas, embora com alto estima ele podia reconstruí-la novamente, mas para quê? Para quem? Madalena não estaria aqui. ... os homens e as mulheres seriam bichos tristes. Bichos. As criaturas que me serviram durante anos eram bichos. (RAMOS, 2003, p.217).

Benjamim Abdala Júnior, afirma que além de bicho, ele também se reconhece na imagem do inescrupuloso fazendeiro que, em sua trajetória de obtenção de posses e poder, não poupa meios para ascender econômica e socialmente. Quando ele começa a escrever o romance, percebe-se, vítima do mesmo processo de coisificação que ele submete aos outros. Nesse, sentido e de observar que a auto caracterização do narrador o nivela a bicho, juntamente com seus empregados. Antonio Candido, afirma que “Graciliano Ramos, tanto na obra fictícia quanto na autobiografia, é um negador pertinaz dos valores da sociedade e das normas decorrentes, reiterando a posição assumida pelo narrador do romance, nesta passagem.” (RAMOS, 2003, p.165).

Paulo Honório se referia às pessoas que conviveram com ele como bichos. Bichos domésticos como Padilha, bicho do mato como Cassimiro Lopes, e muitos bichos para o serviço do campo. E ainda acrescentou Bichos. Alguns mudaram de espécie e estão no exército, outros buscaram pastos diferentes.

Para Benjamim Abdala Júnior, a construção dessa metáfora sugere, além da coisificação, a tônica da divisão de trabalho especializado e distribuído, portanto, entre várias espécies de bichos. A lógica empresarial do fazendeiro é, entretanto, contraditada pela lógica do discurso memorialístico do narrador.

Wander Melo Miranda afirma : Desse modo, Graciliano Ramos, autor do romance analisado sobre a voz e a imagem de Paulo Honório, constrói a narrativa para contar sua experiência, apesar de em alguns trechos a voz não ser de Paulo Honório, mas sim de Graciliano Ramos, que denuncia a praxes encarnada por esse espécime deformado que tenta usar a máscara de um moderno capitalista ilustrado para encobrir seu papel de ator rural das oligarquias nordestinas, ou seja, o autor Graciliano Ramos, toma para si a função de duplicar a caricatura da personagem Paulo Honório, o narrador escritor que, deformado pela brutalização, já de antemão se encarrega de auto caricaturar sob a imagem animalizada de um macho. (MIRANDA, 1992, p. 48). Como pode se ver nesta passagem: “Que mãos enormes! As palmas eram enormes, gretadas, calosas, duras como casco de cavalo. E os dedos eram também enormes, curtos e grossos. A cariciar uma fêmea com semelhantes mãos”.(RAMOS, 2003,p.102).

Benjamim Abdala Júnior, todos que dependem econômica ou socialmente de Paulo Honório são enclausurados como bichos as suas cercas de arame farpado. Enquanto fuma o cachimbo e toma café, o narrador procura descascar os fatos do passado. Considera-se um homem arrasado e avalia sua trajetória existencial. Revela que não tem felicidade, e encontra-se em São Bernardo a escrever.

Estraguei a minha vida, estraguei-a estupidamente.

A agitação diminuiu.

Penso em Madalena com insistência. Se fosse possível recomeçarmos...Para que enganar-me? Se fosse possível recomeçarmos, aconteceria exatamente o que aconteceu. Não consigo modificar-me, é o que mais me aflige.(RAMOS, 2003, p.220).

Admite que Madalena entrou em sua vida com bons sentimentos, mas estes esbarraram em sua brutalidade e egoísmo. E confessa:

Creio que nem sempre fui egoísta e brutal. A profissão é que me deu qualidade tão ruins.

E a desconfiança terrível que me aponta inimigos em toda a parte!

Fôí este modo de vida que me inutilizou. Sou um aleijado. ... se Madalena me visse assim, com certeza me achava extraordinariamente feio.

Fecho os olhos, agito a cabeça para repelir a visão que me exhibe essas deformidades monstruosas. (RAMOS, 2003, p. 221).

De acordo com Benjamim Abdala Júnior, nada mudou? E aqui a voz do narrador se dissocia da voz de Graciliano Ramos, que apenas implícita e artisticamente se manifesta no conjunto do romance, fazendo ver que Paulo Honório já é outro. Não o oposto do outro primeiro, mas diferente dele. Os traços sociais continuam, mas a consciência crítica antes inexistente os subverte. É por isso que ele, sem Madalena, não vê sentido em voltar a cultivar a propriedade de São Bernardo. Seu verdadeiro sentido está na humanização que ela representa, possível, não com sua preservação por herdeiros como Paulo Honório equivocadamente imaginou. Mas antes no compartilhamento, na relação de troca, enfim, no amor. (p.184).

Já para Antônio Cândido, o narrador sente que o homem que ele manifestou para o mundo, e se desumanizou na conquista da fazenda São Bernardo, no domínio sobre os outros – que esse homem era uma parte do seu ser, não o seu autêntico; mas que o contaminou todo, inclusive a outra parte que não soube trazer à tona e que avulta de repente aos seus olhos espantados, levando-o a desleixar a fazenda, os negócios, os animais, porque tudo “estava fora dele”.

O narrador entra em conflito consigo mesmo, pois, criou um protagonista para sua imaginação, e esse não conseguiu concluir seus objetivos, viu que era um ser vazio, desumano, não bastava apenas um herdeiro para a fazenda, teria que haver amor entre o pai e o filho, que até o final do livro, deixa implícito seu nome.

II-A FONTE DE INSPIRAÇÃO DE “SÃO BERNARDO”

Para Benjamim Abdala Júnior, o romance “São Bernardo” teve origem num conto escrito em 1924, como informa o próprio autor. Em 1932, um ano em que passava por sérias dificuldades econômicas, Graciliano Ramos o refaz, transformando-o em romance. A versão foi publicado por Graciliano em 1934.

Para Vera Maquêa, o narrador Paulo Honório, personifica o “sentimento de propriedade” primeiro se apossa de São Bernardo, a fazenda improdutiva de Padilha e depois de Madalena a professora igual a tantas “professorinhas de primeiras letras (que) fabrica a dúzias. A posse de Madalena visa atender ao seu objetivo que é o de gerar um herdeiro para as terras de São Bernardo. Abaixo segue o trecho da inspiração de “São Bernardo”.

“Nessa crítica situação voltou-me o espírito o criminoso que em 1924 me havia afastado as inquietações – um tipo vermelho, cabeludo, violento, de mãos duras, sujas de terra como raízes, habituadas a esbofetear caboclos na lavoura. As outras figuras da novela não tinham relevo, perdiam-se à distância, vagas e inconsistentes, mas o sujeito cascudo e grosseiro avultava, no alpendre da casa grande de São Bernardo, medito numa cadeira de vime, cachimbo na boca, olhando o prado, novilhas caracus, habitações de moradores, olhando embranquecendo o algodoal, paus d’arcos floridos a enfeitar a mata. E sem recorrer ao manuscrito de oito anos, pois isto prejudicaria imediatamente a composição, restaurei o fazendeiro cru, à lápis, na sacristia da igreja enorme que o meu velho amigo padre Macedo andava a construir. Surgiram personagens novas e a história foi saindo muito diversa da primitiva.” (ABDALA JÚNIOR, , 2001,P.172)

Nessa ocasião, Graciliano sofreu uma queda e foi hospitalizado. Enquanto estava no hospital, teve um delírio que será o motivo inspirador do capítulo dezenove de “São Bernardo”. Sua primeira reação foi considerar esse texto uma confusão que, não obstante, decidiu mantê-lo no romance.

Durante o processo de escrita de “São Bernardo” vem à tona a consciência de Paulo Honório. Até então cego, em face de sua pressa de enriquecer e sua ânsia

de tudo dominar, ele começa a se reconhecer quando põe suas mãos a serviço não do próprio poder, mas da potência criadora da linguagem. Assim a experiência de Paulo Honório –narrador se transforma em sabedoria. Esse é o objetivo a ser transmitido na narrativa ao leitor. A medida que o tempo passa Paulo Honório vira presa do seu próprio cerco. Além de bicho, ele também se reconhece na imagem do inescrupuloso fazendeiro que, em sua trajetória de obtenção de posses e poder, não poupa meios para ascender econômica e socialmente. Com isso, sua conduta e suas praxes agressiva o identificam a conhecidos atores da oligarquia rural nordestina. Paulo Honório toma para si todos e tudo quanto deseja, valendo-se dos privilegiados meios políticos, sociais, econômicos e judiciais que tem às mãos.

Mas esta imagem, não é suficiente para mostrar a complexidade desse personagem de Paulo Honório, durante a fase de escrita, do auto conhecimento, ele se vê, como se estivesse diante do espelho e ao ver o seu reflexo descobre duas faces obrigando a sua consciência a se deparar com o assombroso processo constitutivo de sua própria identidade.

O propósito é de um lado reforçar a imagem de "coerência" com a prática da personagem narradora que toma para si tudo quanto deseja (fazenda, mulher ou qualquer objeto que legitime seu poder), de outro, expressar a concepção de que a construção do romance pede autenticidade e sinceridade de quem escreve. Claro que neste caso, aparecem, implicitamente, as marcas do escritor Graciliano Ramos. A experiência de escrever levou Paulo Honório a dialogar dialeticamente com facetas inesperadas, num processo de auto conhecimento problemático, contraditório, a partir do qual ele pode constatar que tudo ou quase tudo que ele tentou abarcar fugiu de seu controle.

Como coloca Benjamim Abdala Júnior, a escrita é seca, o narrador julga-se mais hábil a escrever do que seus companheiros do jornal,

João Nogueira queria o romance em língua de Camões, com períodos formados de trás para diante, ou ainda do Gondim, que critica a marca da moralidade na escrita de São Bernardo, sob a alegação de um artista não pode escrever como fala.(1995, p.170).

No entanto, Paulo Honório se defende argumentando que não pretende de acordo com as regras, o que embora afirme a superioridade de seu texto, acaba admitindo que a escrita é bem chinfirim.

Coloquei-me acima da minha classe, creio que me elevei bastante.

Como lhe disse, fui guia de cego, vendedor de doce e trabalhador alugado. Estou convencido de que nenhum desses ofícios me daria os recursos intelectuais necessários para engendrar esta narrativa.

Magra, de acordo, mas em momentos de otimismo suponho que há nela pedaços melhores que a literatura de Gondim. Considerando, porém, que os enfeites do meu espírito se reduzem a farrapos de conhecimentos apanhados sem escolha e mal cosidos, devo confessar que a superioridade que me envaidece é bem mesquinha.”(RAMOS, 2003,p. 18).

Ainda nas palavras do crítico, a gradativa deformação física e moral de Paulo Honório desenha-se nas suas mãos que roubam, agriDEM e matam, mas que também escrevem e ao fazê-lo, devolvem a humanidade ao escritor. Mãos de brasileiros provenientes das elites rurais do país que são cooptados pelo mesmo sistema que o denunciam.

A linguagem de Graciliano Ramos situa-se hoje como clássicos não de uma língua nacional, como era o objetivo dos escritores modernistas brasileiros, mas daquilo que hoje se denomina variante brasileira, que, ao lado de outras variantes (a portuguesa, a angolana, a moçambicana, a cabo-verdiana, etc.), forma um sistema comum a língua que, por razões históricas, chama-se de portuguesa. O modo de falar do matuto, incorporado por Graciliano Ramos à sua literatura, afasta-se do academicismo oficializado.

A oralidade ocorre em todos os níveis de construção do romance, oscilações entre a correção do nível culto padrão da língua portuguesa e a oralidade regional.

Tomando por base as palavras de Benjamim Abdala Júnior, o pio da coruja no texto, retrata o fluxo da memória, que o narrador personagem após a morte de

Madalena, em sua memória se lembra, essa passagem se desencadeia do início ao fim da narrativa, vejamos:

No início - "Na torre da igreja uma coruja piou. Estremeci, pensei em Madalena,"

No meio do romance - "Uma Coruja pia na torre da igreja. Teria realmente piado a coruja? Será a mesma que piava há dois anos? Talvez seja até o mesmo pio daquele tempo!"

E no final (...) ouvi um grito de coruja e sobressaltei-me. Era necessário mandar no dia seguinte Marciano ao forro da igreja."

Ao final do romance, a história se volta para o próprio Paulo Honório. O suicídio de Madalena faz com que o mundo perca o sentido. Paulo Honório busca em São Bernardo, aquilo que lhe falta para o equilíbrio.

Porém os traços físicos do narrador, homem maduro, de cinquenta anos, não se alteram sensivelmente no decorrer do romance, por outro lado, a forma como são apresentados muda bastante. Ainda enleado no ciúme, Paulo Honório vê rivais por todos os lados e à medida que essa visão aumenta, a sua imagem piora. O desenvolvimento ideológico de Paulo Honório e Madalena se dá precisamente em função de administração de São Bernardo.

Confio em mim. Mas exagerei os olhos bonitos do Nogueira, a roupa bem feita, a voz insinuante. Pensei nos meus oitenta e nove quilos, neste rosto vermelho de sobrancelhas espessas. Cruzei descontente as mãos enormes, cabeludas, endurecidas a muitos anos de lavoura. Misturei tudo ao materialismo e consumismo de Madalena e começaria sentir ciúmes. (RAMOS, 2003. P.132).

Para Josalva Fabiana dos Santos, a imagem que o narrador constrói de si logo no início da narrativa, resolve em poucas palavras o lugar social que ocupa, o de ser respeitado.

Paulo Honório apesar de saber que ele era o esposo, desconfiava de Madalena, se torturava com a indiferença sentida, e buscava consolo explicando que tinha as mãos duras por causa do serviço na lavoura.

III-GRACILIANO RAMOS E SEUS “EUS” FICTÍCIOS

Nota-se que tanto Paulo Honório como Luís da Silva são personagens complexos de Graciliano Ramos, os dois personagens vivem conflitos semelhantes. Ambos tem dificuldades em se relacionarem com as outras pessoas a sua volta, viveram conflitos na adolescência que os marcaram na vida adulta. Ambos vivenciaram conflitos da realidade do autor, que através do papel se liberta destas frustrações que o acompanharam durante toda a infância e adolescência. Comparações que julgo interessante citar, vejamos. Se formos analisar a fundo Paulo Honório (São Bernardo), Luís da Silva (Angústia) e Fabiano (Vidas Secas), são personagens que trazem um traço autobiográfico. Pode-se dizer que formam um trio perfeito para representar em forma de romance as condições do homem do interior, mais restrito na região do Nordeste, onde as terras são secas, áridas, em que a sobrevivência é uma grande luta. Isto pode ser manifestado com mais clareza em “São Bernardo” e “Vidas Secas”.

Observamos ainda o drama de frustração de Luís da Silva e sua solidão, contribuindo para o sentimento de opressão formando a angústia do ser humano. Tanto Luís da Silva como Paulo Honório têm uma amargura em relação a sua origem, a adolescência complexa, cheia de privações econômicas, o fracasso de tentativas de vida na capital, e finalmente a fixação em seu Estado de origem ambos no Nordeste. Sempre se destacando como uma pessoa solitária, amarga, revoltada com a própria origem.

Neste trecho de “Angústia” em que Luís da Silva mostra a sua amargura pelo abandono do pai:

“Fomos morar na vila. Meteram-me na escola de Antônio Justino, para descansar, pois, como disse Camilo quando me apresentou ao mestre, eu era um cavalo de dez anos e não conhecia a mão direita (...) sempre brinquei só. (RAMOS, 1997, p. 13).

Esse trecho descrito é semelhante ao trecho de “São Bernardo”, em que Paulo Honório conta que aprendeu a ler na prisão e que no registro de nascimento só aparecia o nome dos padrinhos e dos pais que estava omissos. Dessa forma podemos ver a revolta do narrador ao relatar este fato de sua vida, deixa claro o complexo da existência. Há ainda a semelhança entre Paulo Honório e Luís da Silva quando ambos escreveram um livro relatando o seu conflito existencial. Ambos voltam ao passado para tentar entender o seu “eu” interior. Queria se libertar desse mundo de preconceito de um “eu” complexo, angustiado. Tentam compreender, ajustando o mundo à sua visão de homem, mulher, de menino, até de bicho, pois a cachorra baleia, já famosa na literatura, também tem os seus problemas, e vale sutilmente como vínculo entre a inconsciência da natureza e a frouxa consciência das pessoas. Tanto Paulo Honório como Luís da Silva referem-se às pessoas como bichos.

Paulo Honório e Luís da Silva, vê em rivais por toda parte e à medida que esta visão aumenta a imagem piora. O desencontro ideológico de Paulo Honório com Madalena se dá precisamente em função da administração de São Bernardo. A esposa não admite os abusos cometidos pelo marido aos funcionários e este não admite sua intervenção.

Qual é o ordenado?

Ora essa! Estranhou Padilha. A senhora ocupar-se com essas migalhas!

Receber ordenado! Era tirar de uma mão e deitar na outra. (...) Mas é tolice querer uma pessoa Ter opinião sobre assunto que desconhece. (RAMOS, 2003, p. 115).

Nota-se neste trecho que Madalena é humana e age com o coração, reconhece que o salário é pouco, mas Paulo Honório é movido pelo capitalismo, e se zanga com a atitude da esposa.

Se formos analisar os significados de Paulo Honório e Madalena, etimologicamente, segundo Branca Bakaj, teremos, Madalena significa “a dos cabelos penteados”, derivado do hebraico e igual a torre de Deus, cidade de Josué, e Paulo do latim Paullus derivado de “pouco”, era termo que indicava pessoa de baixa

estatura. Já Honório designaria “o que irá receber honras”. Madalena, a professora de São Bernardo, a mulher independente, revolucionária, tinha o saber, os grandes olhos claros que impressionavam Paulo Honório, que até então ele desconhecia os sentimentos de humanitarismo dela. (Internet, Kplus, 2004).

Paulo Honório no trecho já mencionado anteriormente “pensei nos meus oitenta e nove quilos, neste rosto vermelho de sobrancelhas espessas. Cruzei descontente as mãos enormes, cabeludas, endurecidas em muitos anos de lavoura”. (RAMOS, 2003, p.12). Ele se auto apresenta como um homem grande e desajeitado, não pequeno como indica a etimologia do nome. Pequenas as honras que conseguiu.

Luís da Silva (Angústia), personagem central, funcionário público e escritor frustrado, descobre que é traído pela noiva com Julião Tavares, “um sujeito gordo, vermelho, suado, bem falante, de olhos abotoados”. (1997, p.48). Desesperado, vive num clima de pesadelo, impossibilitado de conviver com ruídos que lhe são familiares, provocados por animais, objetos, pessoas. O ciúme de Luís da Silva cresce com a evolução de seu pensamento, a certeza de que foi deixado de lado, a ausência de perspectivas, a impossibilidade de qualquer saída para qualquer lugar. Pode-se dizer que esse complexo de si é vigente, que o escritor se esconde por trás de seus personagens em busca de tentar desfazer a sua frustração. Ambos vivem uma infância amargurada, sem carinho, uma adolescência cheia de privações e seqüelas. Esse sujeito “gordo e vermelho” que Graciliano Ramos caracteriza seus personagens, Julião Tavares, não tinha nenhuma das qualidades que lhe atribuíram. Era um sujeito gordo, vermelho, risonho, patriota, falador e escrevedor. (RAMOS, 1936, p.43). É igual ao trecho de “São Bernardo”: Neste rosto vermelho de sobrancelhas espessas, ... peso oitenta e nove quilos... (RAMOS, 2003, 12). Fica claro o complexo do narrador diante dos personagens. A única diferença é que um refere a si mesmo e o outro a seu rival.

Antonio Candido questiona, até que altura há elementos da vida do romancista no material autobiográfico do personagem? “Ninguém dirá que sou vaidoso referindo-me a esses três indivíduos” –disse Graciliano Ramos no discurso

que agradeceu o jantar do cinquentenário – “porque não sou Paulo Honório, não sou Luís da Silva, não sou Fabiano”. (MIRANDA, 1992, p. 43).

“Quanto ao primeiro e ao terceiro, não há dúvida. Do segundo, nota-se que a sua meninice é, pouco mais ou menos, a narrada em infância. Só que reduzida a elementos da etapa anterior ao dez anos, quando morou na fazenda, a sombra do avo materno(aqui paterno), e na vila de Buíque, aproveitou, pois, a parte do sertão, como quem quer dar maior aspereza as raízes do personagem. Pela Memória do Cárcere, sabemos ainda que emprestou a este emoções e experiências dele próprio, inclusive o desagrado pelo contato físico e o episódio com a filha da dona da pensão, no cinema, que o obseda. E não é difícil perceber que deu a Luís da Silva algo de muito seu. A vocação literária, o ódio ao burguês e coisas ainda profundas”. (CANDIDO, 1992, p.41).

“Angustia” e o livro mais pessoal de Graciliano Ramos, pode-se dizer que é autobiográfico, tanto no plano consciente (pormenores biográficos) quanto no inconsciente (tendências profundas, frustrações). Portanto, o narrador tem de comum com seus heróis dos romances de Graciliano Ramos a circunstância de necessitarem todos eles de evasão dos sentimentos.(CANDIDO, 1992, p. 52).

CONCLUSÃO

Pode-se dizer que “São Bernardo”, “Angústia” e “Vidas Secas”, são obras que têm um pouco da angústia do próprio autor. De uma forma obscura, Graciliano Ramos desabafa vivificando na ficção a realidade de sua vida. Paulo Honório movido pelo poder de possuir o objeto de desejo, fica cego diante das belezas da vida, não consegue confiar em ninguém; só após a morte de Madalena é que reconhece como ela era boa, humana, honesta e o amava acima de tudo.

Paulo Honório através de um livro, relata sua vida e seus conflitos interiores. Segundo Wander Melo Miranda, “o texto de Graciliano Ramos caracteriza-se, pois, pelo jogo irônico entre memória e imaginação, entre o texto desejado e o desejo do texto, entre personagem e o modo como é revisto por si mesmo enquanto produtor de discurso. Paulo Honório não deixou que seus amigos dados a escrita camoniana, influencia se em sua escrita, pois, a composição do livro nada mais era que busca de si próprio”.

Pessoas como Madalena se sentem com as mãos e pés atados, sofrem. Muitos, por não terem outro meio de chamar a atenção das pessoas, usam as suas próprias vidas para dar um fim, um protesto a tudo isso.

BIBLIOGRAFIA

CANDIDO, Antônio. *Ficção e Confissão*. Ensaios sobre

Graciliano Ramos, Rio de Janeiro, ed. 34, 1992.

JUNIOR, Benjamim Abdala, *Introdução à Análise da Narrativa*, São Paulo, Scipione, 1995. (coleção Margens do texto).

Personae, Grandes personagens da literatura brasileira-Lourenço Dantas Mota, Benjamim Abdala Junior, org. S.Paulo, ed. Senac. 2001.

MIRANDA, Wander Melo, *Corpos Escritos*, Graciliano Ramos e Silviano Santiago, São Paulo, Belo Horizonte, ed. UFMG, 1992.

RAMOS, Graciliano, *Angústia*, 47 ed., Rio. São Paulo, Record, 1997.

RAMOS, Graciliano, *São Bernardo*, ed. Record, Rio de Janeiro, 2003.

ROCHA, Ruth, *Minidicionário de Língua Portuguesa*, São Paulo ed. Scipione, 2000.

BAKAJ, Branca – Revista Literária Internet, Kplus.com.br, Rio de Janeiro ed. Komedi, 2004. Internet.

MÂQUEA, Vera – Sociedade e Discurso – Ed.UNEMAT – Pontes, 2001.

SANTOS, Josalba Fabiana, *O cronotopo em São Bernardo*, Ed. UFPR, Rio de Janeiro, 1994.